

Tudo o que foi dito deve ser esquecido agora:

Memória, nomadismo e a identidade do sujeito pós-moderno em *A Conceção*

Everything that has been said must now be forgotten:

Memory, nomadism and the identity of the postmodern subject in *The Conception*

Tiago SILVA¹

Resumo

O presente artigo se relaciona com o estudo da identidade do sujeito pós-moderno através da narrativa fílmica *A Conceção*, de José Eduardo Belmonte (2005). Busca-se, no que concerne a esta questão, refletir sobre o nomadismo contemporâneo como uma constante da sociedade pós-moderna, percebendo como este fenômeno cultural é retratado no filme. Para tanto, se buscará na narrativa cinematográfica elementos inerentes a pós-modernidade a partir das práticas de transgressão das personagens, tais como a suplantação da memória, a errância e a negação de uma identidade fixa. Como referencial teórico para embasar a análise, o estudo se valerá das observações acerca da pós-modernidade discutidas por autores como Michel Maffesoli (2004), Stuart Hall (2005), Zygmunt Bauman (2001) e Beatriz Sarlo (1997); da memória e da identidade, através das discussões elencadas por Pollack (1992) e da conceituação de nomadismo pós-moderno trazida por Maffesoli (2001).

Palavras-chave: Nomadismo. Pós-Modernidade. Memória. Identidade. *A Conceção*.

Abstract

This article is related to the study of the identity of the postmodern subject through the film narrative *A Conceção*, by José Eduardo Belmonte (2005). As far as this issue is concerned, we seek to reflect on contemporary nomadism as a constant in postmodern society, realizing how this cultural phenomenon is portrayed in the film. Therefore, the cinematographic narrative will look for elements inherent to postmodernity based on the characters' transgression practices, such as the overriding of memory, the wandering and the denial of a fixed identity. As a theoretical framework to support the analysis, the study will use the observations about postmodernity discussed by authors such as Michel Maffesoli (2004), Stuart Hall (2005), Zygmunt Bauman (2001) and Beatriz Sarlo (1997); memory and identity, through the discussions listed by Pollack (1992) and the concept of postmodern nomadism brought by Maffesoli (2001).

Keywords: Nomadism. Post-Modernity. Memory. Identity. *The Conception*.

¹ Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale.
E-mail: thyagocenico@gmail.com

Introdução

Diante da tela, vemos uma carteira de identidade ser queimada. Não obstante, em seguida novas identidades são destruídas com a mesma voracidade. Entre sussurros e risadas perdidas, um grupo de pessoas nuas dança, negando a si mesmos e a tudo aquilo que os constitui enquanto sujeitos sociais de identificação sólida. E assim, no afã da negação de toda fixidez identitária, novas identidades surgem diante de nosso olhar para serem novamente suplantadas. Na tela, visualizamos homens e mulheres que desafiam autoridades, padrões e repudiam qualquer forma de coerção, mas que não possuem qualquer filiação ideológica para guiar suas vontades, desejos e atitudes individuais.

Incansáveis são as formas pelas quais, “livres” das amarras sociais, as personagens do filme *A Concepção* (2005), do diretor José Eduardo Belmonte, reinventam suas personalidades. São nomes, fotos e símbolos que morrem e renascem a cada pôr-do-sol. E, com os objetos, são enterradas certezas, utopias e tradições. Ao que parece, nenhuma solução é dada em cada reinvenção identitária das personagens do longa-metragem de Belmonte. “*Morte ao ego!*” gritam os concepcionistas². Morte ao ego e o nascimento de um passaporte para a existência de múltiplas identidades. Assim, observamos a glorificação irrequieta do presente, a suplantação da memória e o repúdio ao passado bradado pelas personagens que compõem a narrativa fílmica.

A finalidade última dos concepcionistas parece ser sempre o indivíduo e sua busca pelo instante que é sempre superado pelo que vem a seguir. Inventando-se a cada dia, os concepcionistas do filme estão livres das responsabilidades e desilusões do mundo pós-moderno, embora sejam parte significativa da crise inerente a esse universo. Troca diária de profissões, queima de identidades, negação de qualquer relacionamento amoroso e até mudança de CPF de maneira permanente: tudo na tela nos evidencia uma realidade líquida, que se desfaz com a mesma rapidez em que é criada. Sendo assim, este artigo pretende refletir sobre as representações do sujeito da pós-modernidade no filme *A concepção*, através dos aspectos inerentes a errância, ao esquecimento e ao nomadismo pós-moderno presentes na narrativa fílmica analisada.

² Concepcionista é como se chama um membro do movimento apresentado no filme.

O nomadismo e o sujeito pós-moderno

O tempo vivido na atualidade tem sido avaliado de maneiras distintas, sob o prisma conceitual de diferentes teorias e autores. *Modernidade líquida* para Zygmunt Bauman, *modernidade tardia* para Anthony Giddens e *pós-modernidade* para Stuart Hall, Beatriz Sarlo e Michel Maffesoli são algumas das terminologias que definem a complexidade do mundo atual. Estes são alguns dos teóricos que se debruçaram sobre os indivíduos e os grupos sociais de nosso tempo, inferindo análises que visam compreender as relações políticas, culturais e sociais estabelecidas na sociedade contemporânea. Optamos por usar o conceito de pós-modernidade em nosso estudo, sem, contudo, descartar as considerações acerca desta sociedade trazidas por diferentes autores, entendendo assim, que toda reflexão sobre a temática é contributiva para a análise de nosso objeto.

Para Maffesoli (2004), a pós-modernidade reflete o declínio da razão moderna, que mantinha sua força no epíteto de suas promessas políticas, sociais e econômicas, bem como na busca constante do progresso científico e suas realizações materiais no âmago da sociedade. Para o autor, a promessa de felicidade contida no discurso progressista inerente a modernidade, trazia consigo a utopia de um tempo futuro glorioso, caracterizado pelo apogeu da consciência humana, onde “foi o indivíduo que se tornou o *“axismundi”* em torno do qual tudo iria e poderia articular-se”. (MAFFESOLI, 2004, p. 18). Assim sendo, a modernidade, segundo o autor, trouxe consigo uma premissa epistemológica que contrastava com o pensamento obscurantista da medievalidade precedente³: evoluir para a mais civilizada das realizações humana, a partir do espírito absoluto do progresso societário.

Contudo, Maffesoli aponta que, diante desta lógica, os valores da modernidade estavam fadados a entrar em crise, uma vez que, de maneira paradoxal “no momento em que a modernidade atingisse seu apogeu, a partir dali, só poderia declinar”. (2004, p. 9). Vivemos então, segundo o sociólogo, um processo histórico de saturação dos valores constituídos no período moderno, sendo que a pós-modernidade é este tempo que ultrapassa a busca destes valores progressistas, já que, em tese, a perspectiva discursiva

³ Sobre esta questão, ver: BOTO, Carlota. *A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa*. São Paulo, SP: Editora da Unesp, 1996.

que os edificava se desfez. Deste modo, podemos identificar na pós-modernidade “uma nova fase do inelutável processo que repousa na saturação, num dado momento, dos valores que regeram, durante um período mais ou menos longo, o estar junto social”. (MAFFESOLI, 2004, p. 11). Diante desta consideração

O termo indivíduo já não parece aceitável. Pelo menos, não em seu sentido estrito. Talvez conviesse falar, no que tange à pós-modernidade, numa pessoa (“persona”) que desempenha diversos papéis no seio das tribos a que adere. A identidade se fragiliza. As identificações múltiplas, ao contrário, multiplicam-se. (MAFFESOLI, 2004, p. 26).

Para Bauman (2001), os valores humanos da pós-modernidade são a culminância do projeto moderno, mesmo que este apogeu não seja o premeditado na ideia original de progresso incursa no alvorecer do período moderno. A modernidade, para o autor, consistia nas relações sociais sólidas, onde “a aventura e a felicidade, a riqueza e o poder, eram conceitos geográficos ou propriedades territoriais”. (BAUMAN, 2001, p. 133). De acordo com o sociólogo, a prosperidade inerente ao período moderno, se media pelo volume material enquanto espaço territorial conquistado, no tempo congelado, logo na segurança, convicção e na solidez do habitual. A mudança incursa na pós-modernidade está na instantaneidade cotidiana e na liquidez das relações humanas. Segundo o autor, a modernidade líquida é o exato oposto da modernidade clássica: caracteriza-se pelo desengajamento, pelo desapego às tradições e a completa ausência de ilusões e de uma identidade fixa por parte dos indivíduos, pois

Diferentemente da sociedade moderna anterior, a que eu chamo de modernidade sólida, que também estava sempre a desmontar a realidade herdada, a de agora não o faz com uma perspectiva de uma longa duração, com a intenção de torná-la melhor e novamente sólida. Tudo está agora sempre a ser permanentemente desmontado, mas sem perspectiva de nenhuma permanência. Tudo é temporário [...] Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades “auto-evidentes”. (BAUMAN, 2003, p. 5-6).

Neste sentido, a ordenação moderna do mundo, a partir de uma proposição binária como certo e errado, perto e distante, ser ou não ser entra em colapso com a liquidez pós-moderna. A condição do indivíduo não é mais reduzida a uma escolha resoluta para

toda a vida inteira, fechada em si mesma, construindo assim uma identidade sólida e imutável, mas é antes uma condição instantânea, pautada na ausência permanente de referenciais solidificados. Desta forma, segundo Maffesoli (2001), o sedentarismo preponderante na modernidade, por intermédio da fixação territorial (por meio de uma identidade inerte) e social (por meio das instituições) deram lugar, na pós-modernidade, a processos e manifestações culturais diversificadas no tempo e no espaço, entre elas as práticas ligadas ao nomadismo como uma fonte de estruturação social.

Contudo, o autor observa que é necessário perceber o nomadismo pós-moderno de forma que ele não se configure como um arcaísmo ou um simples anacronismo. Segundo o sociólogo, o nomadismo pós-moderno está ligado a uma dimensão qualitativa da existência, a um desejo de evasão próprio do ser humano, que na pós-modernidade é fomentado pelo fim das utopias, pela busca de novas sociabilidades e pela negação dos padrões morais relativos à modernidade, onde

[...] não é a roupagem doutrinal: teológica, política, ideológica que importa, mas precisamente a exigência de uma sociabilidade mais harmoniosa, ultrapassadas as injustiças, as disparidades econômicas e privilégios sociais [...] o nomadismo é a expressão de um sonho imemorial que o embrutecimento do que está instituído, o cinismo econômico, a refeição social ou o conformismo intelectual jamais chegam a ocultar totalmente. (MAFFESOLI, 2001, p. 41).

Posto isso, o autor ressalta que o fenômeno é “uma espécie de “pulsão migratória”, incitando o indivíduo a mudar de lugar, de hábito, de parceiros, e isso para realizar a diversidade de facetas de sua personalidade”. (MAFFESOLI, 2001, p. 51). Em suma, podemos dizer que este nômade pós-moderno reflete a fragmentação identitária do sujeito pós-moderno, pois é um errante, sendo que a prática da errância constitui-se como um valor incurso na pluralidade social característica de nosso tempo. Errar, não sendo sempre o mesmo, possibilita a multiplicidade do ser, o gozo do instante e a diversidade de valores. Nesse sentido, o autor explica que

A errância, finalmente, é apenas um *modus operandi* que permite abordar o pluralismo estrutural dado pela pluralidade de facetas do “eu” e do conjunto social. E também um modo de vivê-lo. Em seu sentido mais estrito é um êxtase que permite escapar simultaneamente ao fechamento de um tempo individual, ao princípio de identidade e à obrigação de uma residência social e profissional. (MAFFESOLI, 2001, p. 113).

O que move o nomadismo pós-moderno, então, é o desejo da evasão, do gozo momentâneo propiciado pela errância. Maffesoli descreve a prática errante como uma “sede do infinito”, uma resposta ao tédio existencial- fortemente evidenciado no filme de José Eduardo Belmonte. A pulsão da errância, neste caso, relaciona-se com a crise do mundo moderno e seus valores, que já não satisfazem mais. Não se trata, no entanto, de uma uniformização coletiva própria da pós-modernidade, mas antes, da manifestação de um processo cultural ligado à crise histórica do projeto modernista, uma vez que para estas ações nômades se justificarem no seio da cultura atual

O importante, é que deve existir um mínimo de participação do indivíduo na pauta de conhecimento da cultura a fim de permitir a sua articulação com os demais membros da sociedade. Todos necessitam saber como agir em determinadas situações e, também, como prever o comportamento dos outros. Somente assim é possível o controle de determinadas ações. (LARAIA, 2001, p. 82).

Neste sentido, o desejo da errância presente na constituição do nomadismo pós-moderno, segundo Maffesoli, liga-se ao desejo de suplantar “o compromisso de residência que prevaleceu durante toda a modernidade”. (MAFFESOLI, 2001, p. 22). Na crise instaurada acerca dos valores progressistas, surge uma efervescência errante que altera a ordem, a codificação e a identificação das coisas, de forma que elas não sejam mais algo fechado em sua essência. Sendo assim, o autor conceitua:

O nomadismo é o totalmente antitético em relação à forma de Estado Moderna. E esta se preocupa constantemente em suprimir o que considera a sobrevivência de um modo de vida arcaico. Fixar significa a possibilidade de dominar. Isso já é uma boa ilustração dessa “fantasia do uno”, que é a característica da violência totalitária moderna [...] A imobilização em uma função- quer se trate de uma função profissional, ideológica, afetiva- longe de ser a marca de uma superioridade, de um progresso social ou individual, pode ser um sintoma de um fechamento, e, portanto, em um certo prazo, ter um efeito mortífero. (MAFFESOLI, 2001, p. 25).

Maffesoli afirma então, que a fixidez das relações e o progresso infinito são vistos com desconfiança pelos errantes pós-modernos. Não há uma construção social que edifique valores sólidos, inquebráveis. Esta dialética de *construção-destruição* ligada a errância do nomadismo pós-moderno, expressa a vida em um tempo de incertezas, já

que o cotidiano pode ser apreendido como ruptura, movimento e mudança permanente, pautadas na aparência social. Sendo assim, o errante “[...] vai revestir-se de uma aparência específica e desempenhar um papel de acordo com essa aparência, depois assumir uma outra aparência para desempenhar um outro papel na vasta teatralidade social”. (MAFFESOLI, 2001, p. 90). Concernente a essa questão, Beatriz Sarlo (1997) observa que esta errância é mais comum nos jovens pós-modernos, pois, na superabundância de imagens compartilhadas nesta teatralidade social, não existem fenótipos socialmente estabelecidos para uma concepção fechada da prática errante, sendo que “a juventude não é uma idade, e sim uma estética da vida cotidiana”. (SARLO, 1997, p. 36).

A autora observa ainda que esta errância pós-moderna acarreta outras problemáticas socioculturais, tais como a liberdade de escolhas sem limites como uma afirmação individual, que fomenta o individualismo exacerbado, bem como a incidência de uma individualidade programada, distanciada de responsabilidades coletivas. Para a autora, este imaginário de desapego ao coletivo, reflete uma cultura hedônica e ilusória, intrínseca à pós-modernidade, já que

As contradições desse imaginário são as da *condição pós-moderna realmente existente*: a reprodução clônica de necessidades no afã de que satisfazê-las é um ato de liberdade e diferenciação [...] esta sociedade o faz com a idéia de que a reprodução em pauta é um exercício da autonomia dos sujeitos. Nesse paradoxo baseia-se a homogeneização cultural realizada sob as ordens da liberdade absoluta de escolha (SARLO, 1997, p. 9-10).

Estas problemáticas pós-modernas assinaladas por Sarlo (1997) realçam a natureza trágica do nomadismo apontada por Maffesoli (2001). Para o autor, o aspecto trágico do nomadismo pós-moderno está contido no sentido provisório de todas as coisas, no desapego absoluto a qualquer valoração que não a instantaneidade e o acaso e na impermanência das pessoas e das relações humanas. Nesta máxima, para além de uma variável antropológica da pós-modernidade, o nomadismo e sua errância são um produto direto da presença do efêmero na sociedade e na imensa crise instaurada dos ideais modernistas. O presente é sempre suprimido por meio da “pulsão migratória” que acompanha o errante na sua busca pelo gozo que, ao fim da busca, já estará suplantado.

Por fim, o autor postula que a errância do nomadismo pós-moderno é o sintoma de uma sociedade onde, na sua experiência tradicional, o presente é impossível de ser

vivido em sua plenitude, devido às amarras do cotidiano globalizado. Neste sentido, o prazer está sempre associado com a possibilidade de outro lugar e de novas experiências, como veremos no cotidiano das personagens da narrativa de *A Conceção*.

Memória e pós-modernidade

Desde os primórdios da história, a memória- enquanto manifestação cultural dos grupos humanos- esteve presente como um componente importante na historicidade dos sujeitos. Ela aparece como o antídoto contra o esquecimento das vivências humanas, bem como um importante elemento na constituição identitária dos grupos sociais. Lee Goff (2003) observa que “a memória, tem a propriedade de conservar certas informações psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LEE GOFF, 2003, p. 419). Por sua vez, Pollack (1992) aponta que “a memória é um fenômeno social construído social e individualmente”. (POLLACK, 1992, p. 5). Sendo assim, a memória é armazenada levando-se em conta a idiosincrasia de cada indivíduo, partindo sempre da relação deste com a realidade que o circunda. Sob este prisma, a memória está ligada a historicidade de cada sujeito, através de sua trajetória pessoal.

Todavia, Halbwachs (1990) observa que a memória é também coletiva, pois o indivíduo, estando inserido em um grupo social, constrói sua identidade de acordo com as tradições, mitos, ritos e lembranças do grupo ao qual pertence. Assim, a construção da memória coletiva encontra-se atrelada a práticas sociais culturalmente estabelecidas. O autor alerta que

Não basta reconstruir pedaço por pedaço um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando deste para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (HALBWACHS, 1990, p. 39)

Portelli (1997) observa que a memória é um fenômeno social, mesmo que este fenômeno seja marcado sempre por uma trajetória individual, salientando que

A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. (PORTELLI, 1997, p. 16)

Mas, que sentido possui a memória, enquanto tradição coletiva em nosso tempo, em que o desejo agônico de viver o presente, em toda a sua efemeridade, distancia o passado de forma veemente da vivência atual? Que dispositivos de memória serão acionados futuramente, se as práticas do nomadismo pós-moderno referenciam, de maneira seletiva, um presenteísmo exacerbado, que mata a experiência coletiva devido a uma maior expressividade individual? Podemos falar em “instrumentos socialmente compartilhados” na composição mnemônica inerente a pós-modernidade? Em *A Conceção*, a memória é negada, como uma forma de permitir as personagens sua movimentação incessante no tempo e no espaço. Para se conceber algo novo, neste sentido, faz-se necessário matar o antes, não deixando resquícios de historicidade grupal. A finalidade maior passa a ser a realização do indivíduo no presente, sem qualquer espécie de ligação com o passado.

Pollack (1989) observa que o esquecimento mnemônico é marcado por experiências de trauma ou crise coletiva. Segundo o autor, em períodos históricos de crise, como a pós-modernidade, em que as referências culturais são abaladas por algum tipo de processo social ou político, as reminiscências grupais e o modo de organizá-las se reformulam, já que os dispositivos de memória modificam-se no âmago das sociedades. Para ele, todavia, não se trata da ausência absoluta da memória no cerne dos grupos sociais e seus indivíduos, mas antes de uma tenuidade partilhada em relação ao lembrar. Pollack ressalva que

Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado Dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante. (POLLACK, 1989, p. 5).

Sendo assim, a memória é uma construção social, inserida no espaço e no tempo. Segundo os teóricos da pós-modernidade, como Maffesoli (2004), Bauman (2001) e Hall (2001), vivemos sob a lógica de um período de transição histórica, marcada pelo fim das utopias de viés iluminista, o que dá margem a manifestações culturais próprias de nosso tempo, como o nomadismo analisado neste estudo. Porém concordamos com Santos (2009), quando este autor diz que “é difícil determinar com precisão o início e o fim de um período de transição”. (SANTOS, 2009, p. 477). Tendo em vista a fragmentação identitária do sujeito pós-moderno⁴, a memória perde seu caráter de guardiã das tradições coletivas, para inserir-se nas tramas pessoais de cada indivíduo, o que dá margem para os esquecimentos acerca das práticas sociais e políticas passadas.

Segundo Candau (2011), “na ausência de grandes memórias organizadas, cada indivíduo toma seu próprio caminho e isso resulta em memórias fragmentadas”. (CANDAU, 2011, p. 184). O autor observa que esta “perda de memória” do mundo pós-moderno, pode ser considerada uma mutação típica de um quadro transitório relacionado à História, uma fratura que se liga a instantaneidade das relações estabelecidas e estaria marcada pela indiferença às referências coletivas sólidas.

Deste modo, o esquecimento e a negação da memória seriam fenômenos sociais ligados à transitoriedade histórica. O período pós-moderno e suas perdas referenciais, neste caso, fomentariam uma espécie de regressão identitária, onde o sujeito se sente perdido diante das crises que se apresentam no quadro social. Como visto, o nomadismo pós-moderno analisado por Maffesoli (2001), é uma manifestação cultural deste processo de crise e perda, caracterizado pela negação de relações societárias sólidas, vivenciadas, sobretudo, por jovens, como aponta Sarlo (1997).

O que podemos perceber, neste sentido, é que a suplantação da memória é inerente a determinados grupos pós-modernos, como os jovens que vivem nas grandes metrópoles. Assim, da mesma forma que o nomadismo e a errância, o esquecimento torna-se um elemento de recusa às tradições constituídas na modernidade, sendo que a memória acaba por ser suplantada diante do culto ao presenteísmo, ao instante e ao gozo permanente das sensações oferecidas pela sociedade global, como se verá na análise da narrativa audiovisual de *A Conceção*.

⁴ Segundo Stuart Hall (2005) a identidade do sujeito pós-moderno é móvel formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais ele é interpelado, de forma contínua, pelos sistemas culturais que o rodeiam. Sendo assim, o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa e estável, mas antes se caracteriza pela sua fragmentação em relação a sua identidade globalizada. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

A Concepção: entre o nomadismo, a errância e o esquecimento

O cinema pós-moderno tende a possuir alguns traços em suas narrativas que sugerem uma identidade fílmica comum, inspirada no tempo em que vivemos. A ambientação em cidades neutras, que não tenham características próprias de um único lugar, a fugacidade dos relacionamentos humanos e a desvalorização da memória em detrimento do presente rápido e sem raízes são as principais destas características (URBANO, 2010). Nesta produção audiovisual ligada a pós-modernidade, as relações humanas geralmente são tênues e fomentadas pela impulsão da novidade, do instante e da desvinculação de tradições e normas de convivência rígidas.

A Concepção, longa-metragem dirigido por José Eduardo Belmonte no ano de 2005, conta a história de Alex (Juliano Cazarré), Lino (Milhem Cortaz) e Liz (Rosanne Mulholland), jovens brasileiros, filhos de diplomatas que moram juntos em um apartamento no distrito federal sob a égide do vazio existencial. Os três aderem a um relacionamento libertário, enquanto vivem alheios a sociedade na sua volta. Entediados, convivem com a falta de perspectiva e com a alienação política, envoltos em sexo e drogas. Porém, quando conhecem X (Matheus Nachtergaele), o processo de destituição identitária do grupo se radicaliza.

X, sem nome, sem passado e sem referências sólidas, ou seja, destituído de qualquer pertencimento identitário, sugere a formação de uma filosofia de vida que negue todo resquício de uma identidade duradoura. Surge assim um movimento chamado *concepcionismo*, o qual as personagens aderem, mesmo que relutantes em princípio. O movimento prega a vivência diária, sem qualquer relação profunda com o passado ou o futuro, a partir da suplantação das lembranças do vivido e de projetos a longo prazo. Desta forma, a cada dia as personagens são uma *persona* diferente, com um nome, uma profissão e um pensamento distinto. Ao passo que as personagens são muitas em um mesmo tempo, também vivem na constância de uma existência sem nomeação absoluta, sem documento e sem qualquer manifestação de pertencimento a uma identidade única e estável.

As personagens do filme de José Eduardo Belmonte são o que Maffesoli (2001) chama de errantes, uma vez que a sua constituição enquanto sujeitos não suporta a longevidade das relações ou dos dogmas impostos pelas instituições sociais, procurando

sempre uma novidade na qual se amparar. Nesta troca de personalidade diária, demonstram um retrato da fratura social pós-moderna, da interiorização das aparências, já que “A errância é coisa do tipo que, além de seu aspecto fundador de todo conjunto social, traduz bem a pluralidade da pessoa e a duplicidade da existência” (MAFFESOLI, 2001, p. 16). Esta errância pós-moderna retratada no filme, fica mais visível nos dez “mandamentos concepcionistas” que as personagens errantes seguem como denominadores comuns de suas práticas.

São mandamentos do concepcionismo, segundo as personagens do filme: 1) Morte ao ego; 2) Ser uma nova personalidade a cada dia; 3) A lembrança do dia passado deve ser apagada do consciente. A memória é inútil para explicar a morte; 4) As pessoas estão doentes de si mesmas, o Concepcionismo é a cura; 5) Todo concepcionista deve dormir nu, como purificação; 6) O caminho do excesso leva ao palácio da sabedoria; 7) Só nós, os concepcionistas, somos capazes de abolir o dinheiro; 8) Não queremos nada, sobreviver já é o bastante. O contrário também; 9) Toda pessoa ligada à concepção tem validade de apenas um dia. Assim como suas opiniões. Somos todos descartáveis e a felicidade faz parte da sorte. Somos uma fraude que dura 24 horas; 10) Tudo o que foi dito deve ser esquecido agora.

Nestes dez mandamentos do concepcionismo, podemos perceber o hedonismo e o presenteísmo pós-moderno em diferentes percepções. Aspectos ligados ao nomadismo e a errância são recorrentes nos pilares concepcionistas. Nos três primeiros “mandamentos”, ficam evidentes a mobilidade identitária apontada por Hall (2005) e o desapego a memória, devido à perda da densidade na experiência coletiva, como observado por Candau (2011). Ser uma nova personalidade a cada dia, esquecendo o passado vivido, coloca as personagens diante de uma perda referencial, fazendo-os migrar, diariamente, para uma nova configuração da realidade. Sendo assim, a cada universo criado, se cria também uma nova pessoa, sem qualquer relação com o passado.

Assim, a errância presente no filme favorece um ato fundador, ligado à instantaneidade do presente. Lino, Alex, Liz e X se revestem de seu próprio deslocamento para criar novos valores, a partir de novas vontades individuais, uma vez que o escapismo e a rapidez com que as relações se dissolvem são uma marca registrada da pós-modernidade. O errante ligado ao nomadismo pós-moderno não possui uma morada identitária autossuficiente. Então, “é seu “escapismo”, essa capacidade de se movimentar, que o predispõe toda hora à sublevação, aos transbordamentos afetivos, à

quebra da ordem estabelecida”. (MAFFESOLI, 2001, p. 44). E são justamente esses os pilares do movimento concepcionista apresentado no longa-metragem.

Nos mandamentos que seguem, imperativos como *o caminho do excesso leva ao palácio da sabedoria, não queremos nada, sobreviver já é o bastante e tudo o que foi dito deve ser esquecido agora*, observa-se a presença do desapego, da suplantação mnemônica e do individualismo exacerbado. Ou seja, na crise instaurada dos valores e das relações sociais, a identidade do sujeito pós-moderno se fragiliza, deixando de ser unificada, centrada e estável, para fragmentar-se em papéis sociais diversificados, na medida em que o indivíduo se insere em diferentes contextos culturais ao longo de sua existência. Segundo Hall (2005), esta crise identitária reflete uma mudança mais ampla nos paradigmas societários do mundo pós-moderno “que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”. (HALL, 2005, p. 7).

Além dos mandamentos concepcionistas, o longa-metragem de José Eduardo Belmonte apresenta, na subjetividade das personagens, traços de uma vivência marcada pela ausência de referências concretas. Neste sentido, algumas passagens fílmicas evidenciam as características da discussão teórica elencada acerca do nomadismo, da errância e das questões que envolvem a memória na pós-modernidade. São composições de falas e subjetividades das personagens, sobretudo, que apontam uma realidade fragmentada e de desapego a padrões morais, políticos e sociais do espaço em que vivem, como nesta fala de Lino, no início do filme:

LINO: Eu estou falando em ser de Brasília. Ficar em baixo de um bloco que não vale porra nenhuma, estudar para concurso, ter uma banda de merda [...] Cá entre nós, vamos ser sinceros um para o outro: Brasília é uma merda. Imagina achar um livro de História sobre Brasília? Dez páginas... Sei lá, pode ser um lugar legal... Foi assim que eu decidi fazer alguma coisa [...] Sem CPF, sem telefone, sem endereço, sem PIS, PASEP, carteira de trabalho... Eu nunca imaginei que ia conseguir isso. (TRECHO DO FILME “A CONCEPÇÃO”).

Como evidencia esta fala de Lino, logo no início do longa-metragem, existe na composição subjetiva da personagem, uma recusa a qualquer filiação ideológica ou moral, assim como inexistente qualquer vínculo afetivo com o espaço cultural no qual a personagem está incursa. Não existe, neste sentido, um apego tácito aos valores do lugar

em que a personagem mora, nem qualquer sinal de identificação com o espaço habitado. Pelo contrário: a fala de Lino revela um tédio existencial que é propiciado justamente pela constância nos padrões sociais de Brasília, região em que se passa a história do longa-metragem. Deste modo, há uma recusa para com a lógica de manutenção social que rege esta sociedade, a partir de sua operacionalidade coletiva.

O nomadismo pós-moderno das personagens é expresso por sua vontade de não pertencer a um lugar apenas, mas sim modificar o seu lugar em torno da modificação de si mesmos. Sair e voltar de personalidades diversas, intercepta este processo de saturação de uma identidade única. Longe de qualquer fechamento ideológico, as personagens do filme não buscam, em raízes familiares, históricas ou culturais, as respostas para a manutenção de suas vivências na sociedade. Quando Lino observa que um livro sobre a história de Brasília teria apenas dez páginas, ele desconsidera o passado histórico como algo que fomenta a construção do presente, pois sua observação apresenta apenas sua percepção do agora. Neste sentido, a operacionalidade nômade do grupo de Lino está justamente nesta busca por um “algo a mais” fomentado pela mudança permanente, aquilo que, na prática da errância, Maffesoli (2001) observa como o modo de operação que permite a pluralidade de facetas do eu.

A identidade fixa, desta forma, não condiz com este nomadismo que interpela diferentes modos de ser, em diferentes momentos da prática errante. O indivíduo está à frente de qualquer imagem permanente do quadro social, sem importar-se com as normas de manutenção social coletivas. Tudo é invariavelmente desmontado e o sujeito não visa, na *remontagem* de sua identidade, uma lógica de conservação perante o que foi criado. Vejamos essa passagem fílmica:

LINO: Não tem como negar: a gente só chegou aonde chegou graças ao X. Ninguém sabia de onde ele vinha. Inclusive a gente chamava ele de X porque não sabia o nome dele. “O nome era uma prisão”, segundo ele. X era um profissional na arte de não ser ninguém. Sabia como falsificar carteiras e sumir na hora em que ia ser descoberto. Nunca se achou nada sobre o passado dele. Se não fosse algumas imagens e fotos, não teríamos como provar que ele morou entre nós. Escondia sotaques, misturava tudo. Falava uma língua a cada dia de um jeito diferente. Sabia ser sedutor, idiota, grosseiro, culto... escondia-se sempre na verdade. (TRECHO DO FILME “A CONCEPÇÃO”).

X é visto pelos outros membros do grupo com curiosidade, ao passo que ninguém sabe de sua origem. No entanto, a diferenciação diária, por via de inúmeras identidades, é vista como um sinal da liberdade de X, liberdade esta que se quer alcançada pelos outros membros do movimento, através da prática errante e do esquecimento absoluto. *O nome é uma prisão*, diz a personagem: leia-se esta prisão como os valores morais absortos na modernidade e suas promessas de identidade uma e imutável. A verdade citada, deste modo, é uma verdade construída todos os dias, através das transgressões realizadas pelas personagens.

Contudo, as transgressões das personagens também fomentam uma prática de resistência a uma característica chave do mundo pós-moderno: a globalização que modificou diferentes regiões no mundo, tentando uniformizá-las, pois “o planeta, que no início se anunciava tão longínquo, se encarna assim em nossa existência, modificando nossos hábitos, nossos comportamentos, nossos valores”. (ORTIZ, 2007, p. 8). O concepcionismo saudado pelas personagens torna-se, sob este prisma, o que Bauman (2003) conceitua como “verdades auto evidentes” em meio a uma crise social posta diante do processo mundial globalizado. É na passagem final do longa-metragem, sobretudo, em que, melancólicos, todos, de uma forma ou outra, aderem rotinas propiciadas por este processo global, que podemos entender o nomadismo, a errância e o esquecimento como este ato de resistência a uniformização dos valores e da cultura.

Entretanto, a liberdade gozada através deste nomadismo errante, também não traz a felicidade que as personagens esperavam. Há, neste sentido, uma ausência que fica marcada por esta falta de uma referência segura, cotidiana, pois “O paradoxo é a marca essencial desses momentos cruciais, nos quais o que está em estado nascente tem muita dificuldade para se afirmar diante dos valores estabelecidos”. (MAFFESOLI, 2001, p. 21). Assim, o movimento errante se apoia na liberdade de expressar diferentes identidades, mas não afasta a tenuidade que é produzida nas relações humanas, frágeis e sem um elo que as fortaleça.

Considerações finais

Ser ou não ser parece ser a questão crucial de nosso tempo. Na fragilidade das certezas em tempos pós-modernos, os indivíduos alternam lugares com a mesma rapidez em que modificam suas opiniões. Assim, este artigo pretendeu refletir sobre o

nomadismo pós-moderno como um fenômeno de nosso tempo, abarcando a errância e o esquecimento, bem como as representações deste sujeito pós-moderno e errante no filme *A concepção* de José Eduardo Belmonte.

Percebemos que o filme representa indivíduos que trocam de lugar social frequentemente e vivem uma vida errante. Não possuem identidade fixa, já que a trocam com frequência, e nem se importam com a construção de um grupo social propriamente dito, uma vez que desvalorizam as lembranças vividas. Esta é uma analogia (a troca de identidades, todos os dias) que apresenta ao espectador esta identidade fragmentada da pós-modernidade, bem como a liquidez das relações sociais contemporâneas. Assim, o filme apresenta traços do nomadismo conceituado por Maffesoli (2001), bem como características do mundo pós-moderno em que vivemos no decorrer de sua narrativa.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade líquida**. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 19 de outubro de 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001.

LEE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo**. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

POLLACK, Michel. **Memória e identidade social**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POLLACK, Michel. **Memória, silêncio e esquecimento**. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho:** algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo, n.º. 15; Educ., 1997.

SANTOS, Cecília MacDowell. **A justiça ao serviço da memória:** mobilização jurídica transnacional, direitos humanos e memória da ditadura. In: TELES, Edson; TELES, Janaína de Almeida (Org.). Desarquivando a ditadura: memória e justiça no Brasil. v.2. São Paulo: Hucitec, 2009.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna:** intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

URBANO, Clarissa Souza Palomequé. **Cinema e pós-modernidade:** “*Brilho eterno de uma mente sem lembranças*” e os relacionamentos na contemporaneidade. Universidade da Beira Interior, Covilhã: Recensões Luso Sofia, 2010.

Filme: *A concepção*. (2005). Direção: José Eduardo Belmonte. Roteiro: Luís Carlos Pacca e Breno Álex. Elenco: Gabrielle Lopes, Juliano Cazarré, Matheus Nachtergaele, Milhem Cortaz, Murilo Grossi, Rosanne Holland. Distribuição: Imovision Filmes.